**“Palavra dada é palavra honrada”**

“Palavra dada é palavra honrada” constitui um enunciado indubitavelmente moral que tem passado de geração em geração e que exprime não só a coerência entre a palavra e a acção – de quem diz o que faz e faz o que diz –, mas sobretudo a fidelidade aos compromissos – de que quem assume um compromisso e o cumpre voluntariamente, sem que para tal careça de qualquer documento legal que o imponha. À semelhança de tantas outras ancestrais máximas de acção, “palavra dada é palavra honrada” além de uma normativa para agir bem é também uma exortação para se ser bom, íntegro, moral.

Compreenderão, pois, o meu entusiasmo perante a insistência com que esta expressão vem sendo invocada na política portuguesa. E este meu entusiasmo, temperado mesmo com alguma emoção, justifica-se duplamente. Em primeiro lugar porque é a esquerda portuguesa que mais a invoca. Ora a nossa esquerda tem pouco apreço por orientações morais ancestrais que considera bolorentas e cuja citação apenas tem lugar quando seguida de uma argumentação pretensamente descredibilizadora – o que se vai agravando à medida progredimos para a radicalidade da esquerda. Em segundo lugar porque em política a palavra afirmada é não raramente uma palavra ultrapassada pelo tempo, pelas circunstâncias, acompanhada de um esquecimento conveniente ou, tão simplesmente, por uma reinterpretação do contexto. Em caso algum a palavra parece ter qualquer autoridade pelo que a recuperação deste padrão moral renova em mim a esperança na vida política portuguesa de orientação à esquerda.

Quero relembrar como incidentes do passado a ostentação asfixiante de uma superioridade moral dos bloquistas que se abate com um proporcional desprezo arrogante por todos os que pensam ou agem diferentemente; relembrar o absolutismo da tolerância que impõe a todos tudo aceitarem acriticamente, numa afinal paralela intolerância insultuosa pelos que ousam desafiar o seu comportamento monolítico. Afinal, o pluralismo característico das sociedades democráticas ainda pode vir a ser aceite à esquerda sem a humilhação do insulto, de quem critica a designada gestação de substituição ou rejeita a eutanásia; afinal, a palavra dada já pode deixar de vir a ser trocada pelas conveniências do momento, como se tem verificado na hábil gestão dos silêncios relativamente aos fracassos do governo do PS antes a exorcizar com os seus autores se perpetrados pelo governo PSD e CDS.

Quero esquecer como percalços do passado a estratégia da nossa esquerda socialista em que a actual direcção ascende ao poder por um golpe interno contra as “vitórias de Pirro” e ascende ao governo por um golpe constitucional contra a vitória eleitoral dos opositores. Afinal, também aqui certamente, nesta esquerda moderada, a palavra dada deixará de ser ludibriada por inventivos disfarces em que a austeridade dos impostos directos é substituída pela dos impostos indirectos e as cativações orçamentais substituem a escassez de financiamento.

Por momentos, recordando este passado tão recente que se me afigura quotidiano, pareceu-me que “palavra dada é palavra honrada” não passará mesmo de um jogo de sentidos entre o que se diz prezar, sem se praticar… Mas então teria de concluir que a politização da ética converteu uma máxima da acção moral num slogan publicitário…!

*M. Patrão Neves*

[www.mpatraoneves.pt](http://www.mpatraoneves.pt)